ESTADO DE MINAS

Publicado em 12/08/2024 - 05:55

Até Los Angeles

FOTOS: LEANDRO COURI/EM/D.A PRESS

PORTA-BANDEIRAS DO BRASIL NA CERIMÔNIA DE ENCERRAMENTO DOS JOGOS OLÍMPICOS, ANA PATRÍCIA E DUDA CONQUISTARAM O ÚLTIMO OURO PARA O PAÍS, VENCENDO NO VÔLEI DE PRAIA. A GINASTA REBECA ANDRADE *(D)* E A JUDOCA BIA SOUZA *(E)* FORAM AS OUTRAS CAMPEÃS

LUTE
COMO UMA GAROTA

JOÃO VÍTOR MARQUES

ENVIADO ESPECIAL A PARIS

A entrada de Ana Patrícia e Duda com a bandeira do Brasil na Cerimônia de Encerramento de ontem representa o que foi a participação brasileira em Paris 2024. Duas mulheres, campeãs, ostentando o principal símbolo nacional para o mundo. Afinal, estes Jogos Olímpicos entram para a história do país como a Olimpíada delas.

O balanço final desses 19 dias de competição evidencia o protagonismo feminino. Das 20 medalhas conquistadas (três ouros, sete pratas e dez bronzes), 12 foram de mulheres, sete de homens e uma na disputa por equipes mistas no judô. Elas foram as responsáveis pelos ouros da delegação: Bia Souza, no judô; Rebeca Andrade, no solo da ginástica artística; e Ana Patrícia e Duda, no vôlei de praia. É a primeira vez da história do Time Brasil que só mulheres são campeãs.

O desempenho feminino impulsionou os números, que, na prática, ficaram abaixo das projeções do Comitê Olímpico do Brasil (COB). A entidade projetava superar a marca de 300 atletas, mas parou em 289 – a não classificação dos times masculinos de handebol e futebol, por exemplo, ajuda a explicar esse dado. As mulheres foram maioria pela primeira vez: 163 (56,4% do total), ante 126 homens (43,6%).

> Mulheres são protagonistas do Time Brasil nos 19 dias de competições, com 12 das medalhas. Os homens ficaram com sete e uma saiu na disputa por equipes mistas no judô

Em ação, a delegação brasileira alcançou em Paris o segundo maior número de pódios da história, atrás apenas das 21 em Tóquio 2021 (sete de ouro, seis de prata e oito de bronze). A meta do Comitê Olímpico do Brasil (COB), portanto, não foi batida. A entidade projetava estabelecer um novo recorde de medalhas, mas não conseguiu. A grande diferença foi mesmo no número de medalhas douradas, bem longe do recorde alcançado no Japão e também na Rio 2016.

"Detalhes fazem muita diferença entre uma medalha de ouro, de prata, de bronze, um quarto ou um quinto lugar. Se algumas ondas, alguns ventos e algumas situações não tivessem acontecido, a gente teria ainda mais motivos para comemorar", pontuou Ney Wilson, diretor de alto rendimento do COB.

A referência é clara à derrota do surfista Gabriel Medina na semifinal do surfe. Favorito ao ouro, ele caiu precocemente por conta da falta de ondas e ficou com o bronze. O "quase" acompanhou o Brasil em outras várias ocasiões, como com Ana Sátila na canoagem (quarta e quinta colocada em provas do slalom), Hugo Calderano (quarto no tênis de mesa), vôlei feminino (bronze, mas com expectativa de ouro), entre tantos outros. ▶▶▶

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Gerais **Pagina:** 36 e 37

Copyright © Clipclap 2026.